

## Alvo prioritário e fogo de barragem



Por **JULIAN RODRIGUES\***

*Os desafios do movimento LGBTI em meio à onda neofascista*

O governo Bolsonaro não é um governo “normal” – está fora do âmbito do arco democrático-liberal. Trata-se de um movimento neofascista, com conexões internacionais. É disruptivo, autoritário. O programa ultraliberal de Bolsonaro (Guedes) permitiu sua vitória em 2018 – havia uma expectativa entre as elites de que poderia ser contido. Não foi o que aconteceu.

A destruição operada pelo bolsonarismo não tem precedentes. Trata-se não só do ataque às liberdades democráticas e aos direitos sociais, ambientais, trabalhistas como também à promoção do discurso de ódio e da discriminação como políticas de governo. A cultura, a educação, o meio ambiente, a pluralidade e os direitos das mulheres, negros e LGBTI são alvos prioritários dos ataques neofascistas.

O bolsonarismo firmou uma forte aliança com o fundamentalismo religioso, com os mercadores da fé e com a direita cristã (não só evangélica). Desde pelo menos 2010 há uma ascensão conservadora, que cresceu entre 2013 e 2015, quando a falácia da “ideologia de gênero” foi o gatilho que amalgamou o pânico moral e retirou dos Planos Educacionais quaisquer menções às políticas de igualdade de gênero de diversidade sexual e de gênero.

A “cruzada anti-gênero” não é invenção de Bolsonaro ou Malafaia. Está articulada internacionalmente, tanto com a cúpula da Igreja Católica – que elaborou o conceito, quanto com os governos e movimentos reacionários na Europa, EUA e toda América Latina. Paradoxalmente, essa cruzada obscurantista acontece no momento em que o movimento LGBTI conquistou suas três principais bandeiras. Junto ao STF. Conseguimos, desde 2011: (a) casamento igualitário; (b) liberdade identidade de gênero; (c) criminalização da discriminação contra LGBTIs. Para não mencionar a vitória na doação de sangue, as decisões que barraram leis da “escola sem partido” entre outras.

Nossas conquistas no Poder Executivo, em todos os níveis, se concentraram entre 2003 e 2012. A começar pelo ousado e inédito *Brasil sem Homofobia* em 2004, passando pela Conferência LGBT em 2008 – e a criação de órgãos, planos e políticas em diversos Estados e municípios. Dois destaques: *Rio Sem Homofobia* e as políticas do governo de Fernando Haddad, do qual tive o privilégio de participar na elaboração das políticas e na criação do Transcidadania (foi o que mais investiu, chegando a R\$10 milhões no último ano de governo).

Ao mesmo tempo, a situação só piora no Congresso Nacional, que nunca aprovou nenhuma lei pró-LGBT em todos esses anos.

A década de 2000 foi marcada pelos avanços no governo Federal e nos executivos. A década de 2010 foi marcada pelas vitórias no Judiciário. A situação é muito contraditória porque além dos avanços no Judiciário, conquistamos também muita visibilidade positiva e aprofundamos nossa articulação com o mercado. Sobre tudo com a mídia. A visibilidade positiva das LGBTI cresceu.

Ao mesmo tempo, cresceram o preconceito e os discursos de ódio promovidos pelas lideranças cristãs reacionárias articuladas com Bolsonaro. Uma rede de vereadores, deputados estaduais, deputados federais, “*influencers*” digitais se dedica diuturnamente a atacar as LGBTI, a inventar e propor leis restritivas, a disseminar discurso de ódio.

O “pânico moral” continua firme e forte, mobilizando milhões de trabalhadoras, pobres, periféricos, pessoas do povo que se

assustam com os discursos deles. Gayzismo, ditadura gay, mamadeira de piroca, transformar meninos em meninas, femininazis, e todo tipo de manipulação. As políticas educacionais estão no centro da guerra por direitos hoje, contra o avanço neofascista e fundamentalista religioso.

A extrema-direita veio para ficar. Derrotar o Bolsonaro nas urnas em 2022 é bem menos difícil do que derrotar o neofascismo, que hoje é uma corrente de massas no Brasil.

Os direitos sexuais e reprodutivos, a luta feminista, a luta LGBTI são alvos prioritários do bolsonarismo. Mas nós também estamos entre os setores mais organizados e dinâmicos da sociedade civil. Temos bala na agulha para enfrentar essa direita tresloucada. Simultaneamente somos “saco de pancada” e também uma barreira civilizatória. Nos cabe um papel fundamental: ajudar a interromper o avanço dessas ideias autoritárias, racistas, machistas, homofóbicas e transfóbicas.

## O que fazer?

O cenário da comunidade e do movimento LGBTI de maneira ampla mudou demais. O primeiro passo é tentar entender tais transformações para nos reposicionarmos. É preciso reforçar a centralidade, organicidade, unidade, foco, discursos e estratégias comuns. Sob o risco de nos dispersarmos em uma sopa digital. A “lacrolândia” (onde predominam o individualismo, a vaidade, a caça de cliques, a despolitização, a falta de rigor acadêmico, a ausência de pactos coletivos) não pode ser a direção concreta, objetiva do nosso movimento. Um baita desafio aí.

A comunicação nas redes, criando o “gabinete do amor”, uma “Plataforma do Respeito” deve ser um esforço coletivo e central do movimento. Outro foco do movimento deve ser a formação ativista. Para uma nova geração militante e orgânica, é preciso uma formação que não seja aquela disponibilizada fragmentariamente por *influencers* digitais. Temos que ter uma política de formação de ativistas, nacionalmente articulada.

A prioridade, obviamente, é fazer todos os esforços para derrotar Bolsonaro. Agora ou nas urnas. No segundo turno, o movimento deve se engajar no apoio ao candidato anti-bolsonarista, que provavelmente será Lula. No *DataFolha* de 15 de setembro, Lula aparece com 60% de intenções de voto entre homossexuais e bissexuais – um verdadeiro ícone LGBT.

As cruzadas anti-gênero tem o foco nas políticas educacionais. Cabe ao movimento organizar uma estratégia de incidência política com foco aí um Plano de Promoção da Igualdade de Gênero e do Respeito à diversidade sexual e de gênero na Educação.

Estamos sentindo o efeito de um fortíssimo *backlash*, conceito que não tem uma boa tradução em português. Trata-se da reação, de onda conservadora ressentida – poderoso sentimento que gera uma contra-mobilização. Como aquelas ondas fortes que nos jogam de volta à areia da praia.

A pauta LGBTI não está restrita aos círculos da esquerda/centro-esquerda – é abraçada e disputada pelos neoliberais progressistas, pelo mercado, pela *Globo*, *Facebook*, partidos de centro-direita e direita liberal. Ou seja, cresce a polarização, mas também a possibilidade de alianças.

“Nestes últimos vinte anos  
Nada de novo há  
No rugir das tempestades  
Não estamos alegres,  
É certo,  
Mas também por que razão  
Haveríamos de ficar tristes?

O mar da história  
É agitado.  
As ameaças  
E as guerras  
Havemos de atravessá-las.  
Rompê-las ao meio,  
Cortando-as

# a terra é redonda

Como uma quilha corta  
As ondas.”

(Vladimir Maiakóvski, 1927).

**\*Julian Rodrigues** é professor e jornalista. Membro do Conselho Nacional do MNDH e da Aliança Nacional LGBTI.

A Terra é Redonda